

Gustave Geley

A Reencarnação

*Título do original em francês
(La réincarnation)*



Gustave Geley



Conteúdo resumido

O Autor Gustave Geley vem nos trazer a reencarnação (Palingenesia) não como um artigo fé mais como principio orientador de nossa vida. A moral assenta-se, como se vê, numa admirável base de clareza e simplicidade. Aonde em cada reencarnação o nosso espírito dilata as suas potencialidades rumo ao infinito. Amando e crendo em nosso Pai Celestial.

A Reencarnação

O inquérito que vossa feliz iniciativa promoveu a respeito da idéia reencarnacionista seria de grande interesse diante da indiferença, da ignorância ou da hostilidade preconcebida que ela encontra muitas vezes, se pudesse ser levado a bom termo.

Seria preciso, para tal, que os sábios, pensadores e filósofos, dos quais pedistes a opinião, se dessem o trabalho de fornecer uma resposta estudada e refletida de uma parte e curta e entretanto completa de outra.

São, infelizmente, condições difíceis: os vossos colaboradores eventuais, que não conhecem, conhecem mal ou desconhecem a doutrina palingenésica, não farão talvez todos o esforço necessário para se documentarem seriamente ou para responderem imparcialmente.

Quanto aos partidários desta doutrina, terão muito trabalho em condensar, sem muito enfraquecer, nos limites

forçosamente restritos do inquérito, os argumentos tão numerosos que militam em favor das suas idéias, em todas as formas do conhecimento humano.

Pessoalmente me sinto, vô-lo confesso, particularmente embaraçado, pois a minha opinião já a exprimi em numerosas publicações, entre as quais várias obras de fundo. Não quero certamente hoje furtar-me ao vosso lisonjeador apelo, mas me desculpo desde já pelo fato de me ser impossível deixar de fazer repetição e de ter pouco a aditar a argumentos conhecidos.

Examinando as diversas perguntas que me fazeis, esforçar-me-ei para não me esquecer de uma só delas, porém abster-me-ei de estudá-las na ordem estabelecida. Peço-vos deixar-me desenvolver livremente o pensamento à minha vontade.

Sabeis, meu caro amigo, que sou reencarnacionista. E o sou por três razões: Porque a doutrina palingenésica me parece, do ponto de vista moral, plenamente satisfatória; do ponto de vista filosófico, absolutamente racional, enfim, do ponto de vista científico, verossímil e, melhor ainda, verdadeira.

É, pois, sob este tríplice ponto de vista: moral, filosófico e científico que devo analisá-la e comentá-la.

A moral palingenésica é muito conhecida para que necessite aqui de uma explanação detalhada.

Ela tem por base a célebre fórmula: justiça imanente.

A justiça imanente é o resultado do jogo normal e regular da vida terrena.

O ser, não sendo senão o que ele próprio se fez, durante a sua evolução, na série das suas existências sucessivas, resulta daí que sua inteligência, seu caráter, suas faculdades, seus

instintos bons e maus, são sua própria obra. Traz, pois, ao nascer, infalivelmente, as conseqüências dela provenientes.

Cada um de seus atos, seus trabalhos, seus esforços, suas tristezas, suas alegrias, seus sofrimentos, seus erros e suas faltas, tem uma repercussão fatal, reações inevitáveis, em uma ou outra de suas existências.

Não há, pois, necessidade de julgamento divino, nem de sanções sobrenaturais. Como se diz muito acertadamente, o indivíduo é recompensado ou punido não porque fez, mas simplesmente pelo que fez.

A sanção natural da palingenesia não é, bem entendida, unicamente pessoal, é também coletiva, estendendo-se a uma família, a um povo, a uma raça, etc., pois que uma solidariedade estreita une, necessariamente, grupos de seres aproximados em uma ou várias existências.

A justiça imanente começa a manifestar-se quase sempre no decurso de uma existência terrena, tomada isoladamente, mas é bem raro que ela seja verdadeiramente eqüitativa, e, encarada de maneira restrita, parece geralmente falível e eminentemente desproporcionada.

Ao contrário, numa série suficientemente longa de encarnações, ela se torna perfeita, matematicamente perfeita, e os acasos felizes ou infelizes se contrabalançam e não fica mais, como resultado certo, senão o produto de nossa conduta.

A moral palingenésica assenta-se, como se vê, numa admirável base de clareza e simplicidade.

Concebem-se logo as suas conseqüências práticas. Impõe, antes de tudo, o trabalho e o esforço, não o trabalho isolado, a luta pela vida egoísta, mas o esforço solidário, porque tudo que favorece ou retarda a evolução alheia e a

evolução geral favorece ou retarda a de um membro qualquer da coletividade.

Os sentimentos baixos e inferiores, o ódio, o espírito de vingança, o egoísmo, o ciúme, são incompatíveis com esta noção de evolução solidária. É, pois, natural que o reencarnacionista generoso evite todo o ato prejudicial a outrem e o ajude na medida de seus meios.

Confiando na sanção natural, ele perdoa, sem trabalho, as maldades de que foi vítima e não verá nos imbecis, nos perversos ou nos criminosos senão seres inferiores quando não enfermos.

Saberá resignar-se às desigualdades naturais e passageiras da vida, resultados da lei do esforço individual na evolução, como fará o possível para conseguir a supressão de desigualdades desproporcionais, de divisões fictícias, de preconceitos nocivos.

Estenderá, enfim, sua bondade e sua piedade até aos animais, aos quais evitará, o mais possível, ocasionar sofrimentos e a morte.

Têm-se feito algumas objeções à moral palingenésica. Estas objeções, fora do ponto de vista filosófico ou científico que examinaremos mais adiante, são as seguintes: Diz-se que o esquecimento das existências anteriores suprimia as supostas sanções.

Como será isto possível? O esquecimento de um fato não suprime as conseqüências desse mesmo fato. De resto, o esquecimento não é completo, nem definitivo, mas bem relativo e momentâneo.

O esquecimento desaparece, verdadeiramente, entre os seres bastante evoluídos, durante as fases do desencarne. Esses têm, então, consciência, mais ou menos nítida, do

passado, noção do caminho percorrido e previsão das conseqüências futuras, boas ou más, das suas ações. Podem assim preparar, na medida em que lhes permite o grau de evolução, sua próxima encarnação nas mais favoráveis condições.

Demais, o esquecimento não é definitivo. É atualmente indispensável ao ser como a própria morte, para forçá-lo a um trabalho constante, a experiências múltiplas, a um desenvolvimento contínuo nas e pelas mais diversas condições.

É também necessário para evitar ao ser a preocupação da memória do passado, como, por exemplo, as recordações de uma existência feliz ou os remorsos de uma vida atormentada ou criminosa.

Conceba-se, ao contrário, que, numa fase superior, o esquecimento, agora inútil e prejudicial, não mais exista. Desde então, o passado, todo inteiro, conservado na consciência superior, se tornará pouco a pouco acessível em toda sua integridade. O consciente e o subconsciente não serão mais isolados e distintos; tudo o que contém este último (memória do passado ou faculdades transcendentais) será acessível ao ser, direta, regular e normalmente.

Uma outra objeção feita à teoria palingenésica se baseia na existência da dor entre os seres menos evoluídos para que possa ela ser considerada como uma sanção. "Que crime, pergunta-se, teria podido cometer, numa existência anterior, um cavalo castigado, com pancadas, por um bruto alcoolizado ou um cão torturado por um vivisector?"

Há, neste raciocínio, um erro fundamental: o mal não é, necessariamente, a sanção do passado. É, ao contrário, bem mais freqüentemente, no estado evolutivo atual, a

conseqüência do nível inferior geral deste estado evolutivo. Ver, sistematicamente, no sofrimento de um ser qualquer, a conseqüência de atos anteriores, seria então, para os reencarnacionistas, uma grosseira falta de lógica. O que se pode afirmar, ao contrário, é que a sanção verdadeira, a da justiça imanente, é sempre rigorosamente proporcional ao grau de livre arbítrio, isto é, ao nível da elevação intelectual e moral do ser.

Esta sanção só pesa sobre os seres suficientemente adiantados. Pesa tanto mais quanto mais evoluídos são, pois que, com toda a certeza, sua conduta refletida terá, na proporção de sua elevação, uma, influência cada vez maior sobre o seu progresso, sobre a sua condição de vida.

Passo agora ao exame da filosofia palingenésica.

Esta filosofia, menos familiar e mais abstrata que a moral, é mais freqüentemente desconhecida. Não é, entretanto, menos satisfatória.

Pode-se condensá-la numa frase, dizendo que ela suprime todas as dificuldades opostas ao idealismo pelo materialismo, todas as objeções feitas, em nome da lógica, à noção de sobrevivência.

A primeira grande objeção feita, em todos os tempos, às esperanças do idealismo tradicional, repousa na verificação do mal.

Conta-se que os japoneses respondiam assim aos primeiros missionários cristãos que se esforçavam por convencê-los: "Como creremos nós no que nos dizeis dos atributos da divindade? De duas uma, ou bem Deus não quis impedir o mal ou bem não o pôde. Se não o quis, é porque não é soberanamente bom; se não o pôde, é porque não é todo poderoso." Este raciocínio natural é, na realidade,

irrefutável, a despeito de todas as subtilezas do espírito teológico.

O problema do mal sempre foi uma fonte de embaraços inexplicáveis para as doutrinas deístas e providenciais. Todas elas, em vão, têm tentado solucioná-la, desde a concepção ortodoxa e infantil ao pecado original até a concepção herética e audaciosa do criador malfazente dos maniqueus.

Estas doutrinas caíram de modo lamentável.

Para a filosofia palingenésica, ao contrário, o problema é de excepcional simplicidade. Não mais coloca, na base da evolução, a soberana justiça, e a soberana vontade, incompatíveis com a existência do mal universal, não mais coloca aí a soberana inteligência que não saberia encontrar na lentidão infinita, nas apalpadelas, nos erros evidentes, acumulados, para chegar a um resultado ainda medíocre e imperfeito. Não faz mais, então, da soberana inteligência, da soberana justiça e da soberana vontade, uma síntese divina, intrínseca e criadora. Ela não concebe esta síntese senão como o coroamento esplêndido de uma lenta e dolorosa evolução.

Assim, a idéia divina, potencial em todas as manifestações físicas e psíquicas da vida universal, se tornaria, durante a evolução a se realizar, primeiramente latente, depois esboçada e obtusa, depois cada vez mais evidente e ativa.

O mal não tem então sua origem na vontade, impotência ou imprevidência de um Criador responsável.

O mal é simplesmente a medida de inferioridade dos seres e dos mundos ou a sanção do passado.

Nesses dois casos, ele é fadado a diminuir à proporção do progresso evolutivo e, proporcionalmente, a esse

progresso. Em ambos os casos, é útil é o principal fator de nosso adiantamento. O mal é o aguilhão que nos impede de imobilizar-nos no estado presente e que, por reações dolorosas, nos conduz ou nos coloca no bom caminho.

Mas, observação capital; o mal, assim compreendido, não tem mais do que um caráter relativo, transitório e sempre reparável.

Se estas concepções são verdadeiras, não há mais mal real no sentido absoluto que damos a esta palavra, mais injustiça no universo, porém, em toda a parte, realizado ou em vias de realização, um ideal superior de bondade, de justiça, de solidariedade e de amor, ideal que traz, para todos os indivíduos, a certeza da felicidade futura no desenvolvimento infinito da consciência eterna.

As outras objeções filosóficas feitas ao espiritualismo dogmático não têm mais valor, em face da doutrina palingenésica, que a objeção do mal.

Caem por si próprias:

1.º - Objeção baseada na concepção extraordinária e absurda de uma alma imortal, tendo, entretanto, tido um começo, saída do nada e destinada, após curta existência, a recompensas ou a castigos eternos.

Para a palingenesia, a alma não é imortal: é eterna e fadada a uma evolução indefinida.

Para a palingenesia, não há castigos sem fim: só há sanções fatais e passageiras, asseguradas por leis inexoráveis da evolução.

Para a palingenesia, enfim, a felicidade suprema não será o privilégio de raros "eleitos": será o apanágio de todos. Não será o efeito de uma graça sobrenatural, nem de vãs práticas rituais: conseqüência inelutável da diminuição progressiva

do mal coincidindo com o aumento indefinido do campo de consciência, mas deverá ser conquistada pouco a pouco, numa luta cada vez menos penosa.

2.º - Objeção baseada na idéia, não menos extraordinária e absurda, de uma alma imaterial.

Para a palingenesia, a inteligência, a força, a matéria, não são concebíveis isoladamente: só são modalidades da substância universal em vias de evolução.

3.º - Objeção baseada na concepção grosseira, tão bem explorada pelo materialismo, do geocentrismo e do antropocentrismo tradicionais.

A palingenesia está de acordo, neste ponto de vista, como a astronomia, que nos mostra a Terra como um astro medíocre, sem importância especial, e tende a admitir a pluralidade inumerável dos mundos habitados.

Ela está de acordo, igualmente, com a anatomia e a fisiologia comparadas, que provam que nada distingue, essencialmente, o homem dos animais e que a idéia de uma alma reservada só ao homem é, cientificamente, insustentável.

A imortalidade não deveria, evidentemente, ter começado em uma fase particular da evolução: a da aparição do gênero humano. O processo da encarnação e da desencarnação não é privilégio do homem, é a consequência de uma lei natural e geral, abrangendo tudo o que pensa, tudo o que vive, tudo o que existe.

Por isto é que a oposição feita à doutrina palingenésica, por certos representantes da filosofia monística, é irracional e insustentável.

Sem querer desenvolver, aqui, concepções de alta metafísica, ainda evidentemente prematuras, não me posso

impedir de assinalar o acordo possível e fácil da palingenesia com o monismo naturalista, que ela completa com felicidade.

A alma, isto é, o que existe de "essencial" no ser, seria uma mônada individualizada do princípio único. Parcela divina em vias de conquistar a sua divindade, isto é, a consciência perfeita de si mesma e de tudo, ela se elevaria através dos reinos inferiores para adquirir, pouco a pouco, o seu máximo desenvolvimento nos estados humanos e super-humanos que ainda ignoramos.

O universo manifestado só seria assim composto de mônadas eternas e de agrupamentos efêmeros de mônadas eternas. Os processos de encarnação e da desencarnação corresponderiam à constituição ou à ruptura de agrupamentos efêmeros.

É em e por esses agrupamentos sucessivos que se faria à evolução solidária, evolução que tem por conseqüência a passagem de energias potenciais em energias realizadas, a aquisição e o desenvolvimento da consciência que resume e condensa todas as potencialidades.

Como se vê a doutrina palingenésica suprime todas as diferenças opostas ao idealismo, quer em nome da moral, quer em nome da filosofia.

Chego agora ao ponto de vista científico.

É, evidentemente, o mais importante.

Por mais belas e satisfatórias que sejam as concepções palingenésicas, elas não poderiam prescindir, para satisfazerem à consciência moderna, do apoio de provas científicas.

O que constitui, na realidade, o principal atrativo da idéia reencarnacionista é que ela não é considerada, ou pelo menos não deve ser considerada hoje, como o produto de uma

revelação ou de um ensino a priori, mas como o resultado de uma probabilidade científica, probabilidade essa que, cedo ou tarde, disto estou certo, se tornará em uma magnífica certeza.

Como fiz com as presunções morais e filosóficas, condensarei, primeiramente, em uma frase as provas científicas.

A palingenesia é, provavelmente, verdadeira porque:

1.º - está de acordo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais, sem estar em contradição com nenhum;

2.º - dá a chave de uma imensidade de enigmas de ordem psicológica;

3.º - apoia-se em demonstração positiva.

Estudemos, sucessivamente, estas três afirmativas:

1.º - A filosofia palingenésica está de acordo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais.

Não insistirei neste ponto. Já demonstrei o acordo desta filosofia com a astronomia, a história natural, a geologia, a paleontologia, a anatomia e fisiologia comparadas, etc. Procurar-se-ia, em vão, na massa de nossos conhecimentos um argumento sério para se lhe opor.

Mas o que há de mais estupendo nesta verificação é o acordo da palingenesia com o evolucionismo. Este acordo é de tal modo perfeito que muitas dificuldades inerentes ao transformismo serão verdadeiramente resolvidas, como estou certo, pelo conhecimento da teoria reencarnacionista.

Já os naturalistas se vêem forçados a admitir que há, na evolução, fatores desconhecidos, mais poderosos do que a seleção natural e a influência do meio.

Estes fatores essenciais nos serão revelados pelo estudo da evolução orgânica, pelo conhecimento da verdadeira

natureza do ser e dos seus princípios constitutivos ainda ocultos.

2.º - A filosofia palingenésica dá a chave de uma multidão de enigmas de ordem psicológica.

Os enigmas principais são:

- a inanidade das principais faculdades e capacidades;
- o talento e o gênio;
- as desigualdades psíquicas consideráveis existentes entre seres vizinhos pelas condições de nascimento e vida, especialmente entre compatriotas, parentes, irmãos, até mesmo entre gêmeos nascidos e educados em condições idênticas;
- As diferenças enormes, paradoxais, entre a hereditariedade física e a hereditariedade psíquica, etc.

Que explicações tentou dar destes enigmas a psico-fisiologia clássica? Explicações irrisórias que se reduzem a meias hipóteses, que não suportava mesmo um começo de demonstração. Ela invocou variações, declaradas imperceptíveis e inapreciáveis, do tecido cerebral; causas despercebidas, influências diversas, patológicas ou outras durante a vida intra-uterina, condições ignoradas da geração ou da hereditariedade; formações genealógicas complicadas, etc. Em suma, nada de preciso, nada de positivo. É a bancarrota da biologia clássica. Com a teoria palingenésica, a obscuridade desaparece instantaneamente.

Os enigmas supracitados têm a sua explicação na pluralidade das existências.

As idéias e as faculdades inatas são aquisições do passado, aquisições acessíveis ao ser mais ou menos bem ou mais ou menos cedo evoluído.

A hereditariedade psíquica talvez exista, mas não é senão uma conseqüência, muito atenuada, da hereditariedade física. Na realidade, o caráter e as faculdades, que o ser traz ao nascer, são, antes de tudo, o produto de sua própria evolução. Compreende-se, desde então, como, às vezes, as faculdades e as idéias inatas podem manifestar-se muito cedo, mesmo antes do desenvolvimento completo do órgão cerebral.

Explicam-se logo as crianças prodígios. Bem sei já se objetou que as crianças prodígios eram quase sempre prematuros e davam, como adultos, o que prometiam na infância. Isto é perfeitamente exato, mas nada prova. As crianças prodígios não são, necessariamente, crianças de gênio, mas a noção das aquisições anteriores se manifestam plenamente, repito-o, antes do desenvolvimento completo do cérebro e isto torna a explicação mais simples, senão a explicação exclusiva de sua precocidade. De resto, se a precocidade nem sempre é prova de gênio, e, entretanto, às vezes, indicação dele: Mozart e Pascal, para não citar senão os mais conhecidos exemplos, foram crianças prodígios antes de se tornarem homens de gênio.

Escreveu Chateaubriand no seu “Gênio do Cristianismo”

"Houve um homem, que, aos dois anos de idade, com linhas e círculos, criou a matemática, aos seis fez o mais sábio tratado de seções cônicas que se viu desde a Antigüidade, aos dezenove reduziu à máquina uma ciência que existia, toda inteira, no entendimento, aos vinte e três demonstrou os fenômenos do peso do ar e destruiu um dos grandes erros da física antiga, que, nessa idade em que os outros homens começam apenas a nascer, tendo acabado de percorrer o círculo dos conhecimentos humanos, se apercebeu do seu nada e voltou os seus pensamentos para a

religião, que, desde esse momento até a sua morte, aos trinta e nove anos, sempre enfermo e sofrendo, fixou a língua que falaram Bossuet e Racine, deu o mais perfeito modelo de bom humor como do mais forte raciocínio, enfim, que, no curto intervalo dos seus males, resolveu, por abstração, um dos mais altos problemas da geometria e lançou no papel pensamentos que têm tanto de Deus quanto do homem. Este extraordinário gênio chamava-se Pascal."

Os psicólogos oficiais, por mais que prossigam com as suas pequenas hipóteses fisiológicas, que invoquem as "causas despercebidas" e as "influências obscuras", não chegarão a explicar o "assombroso gênio" de Pascal, nem o gênio em geral.

Pois mais que façam apelo às "causas mórbidas", não conservarão mais do que o opróbrio de terem introduzido ou tolerado, na ciência contemporânea, a mais vã, a mais louca e a mais monstruosa das hipóteses.

Ainda, por mais que pesquisem as condições hereditárias, quase sempre desproporcionadas, incontráveis e realmente ausentes, só farão divagações.

Em nome do bom senso, em nome da evidência, nós lhes respondemos: "A existência e a importância de vossas pretensas "influências obscuras" se acham tão pouco demonstradas que não podeis mesmo defini-las com exatidão!

A hipótese da morbidez só vos faz aumentar essa contradição insustentável de declarar a força física função da saúde e a força intelectual função da doença!

Quanto à hereditariedade, o seu papel é tão apagado e secundário na psicologia quanto importante e predominante na fisiologia. O gênio e as altas faculdades intelectuais não

provêm mais dos ascendentes como não se transmitem aos descendentes.

Estes fatos são fatos de observação diária e é em vão que vos insurgis contra eles.

Repelindo, preconcebidamente, a hipótese palingenésica, só a podeis substituir por um formidável ponto de interrogação:

3.º - Resta-me discutir o terceiro argumento de ordem científica, que é o das demonstrações positivas.

Essas demonstrações a doutrina as tomou, com as presunções precedentes à psicologia, mas à psicologia resultante de descobertas e pesquisas mais recentes, abrangendo, conjuntamente, psicologias normal, anormal e supranormal.

A psicologia integral prova duas coisas:

a) - a possibilidade teórica das reencarnações;

b) - a probabilidade delas.

A possibilidade teórica das reencarnações surge, com evidência, dos modernos trabalhos sobre a subconsciência e a criptomnésia.

Conhecia-se, há muito, a importância do subconsciente nas mais elevadas manifestações intelectuais. Conhecia-se, do mesmo modo, a existência da criptomnésia, sabia-se que numerosos fatos, aparentemente esquecidos, não estavam, entretanto, apagados e podiam, bruscamente, reaparecer debaixo de influências diversas (emoção, perigo, doença), porém recentes descobertas psíquicas provaram que a importância do subconsciente e da criptomnésia era infinitamente maior do que se pensava. As pesquisas sobre o mecanismo do gênio, o estudo dos casos de personalidades

múltiplas no mesmo indivíduo, demonstraram a espantosa complexidade do inconsciente.

Depois, o estudo do hipnotismo e do sonambulismo, sobretudo dos fenômenos mediúnicos, estabeleceram o seu papel predominante nas psicologias normal, anormal e supranormal.

Demonstrou-se, atualmente, que uma porção essencial do ser pensante, porção que parece cada vez mais vasta e complicada, escapa, na maior parte, na vida normal, à consciência e à vontade e fica latente e oculta.

Desde então cai, por si mesma, a objeção capital que se fazia outrora à palingenesia: a objeção do esquecimento. Que a criptomnésia se estenda, além da existência atual, nada mais fácil agora de compreender-se. Que esse subconsciente, tão misterioso e tão profundo, encerre em si a lembrança e as aquisições das vidas passadas, nada de mais lógico e de racional.

Ser-nos-á, desde agora, fácil estabelecer que a palingenesia não é apenas possível, mas provável. Digo provável, por meio de uma demonstração direta e suficiente da realidade das existências anteriores.

As experiências feitas por de Rochas sobre a regressão da memória, foram um encorajamento à continuação das pesquisas neste sentido, mas não concludentes. Não se soube, com efeito, eliminar a parte da sugestão mental do operador defronte da sensitiva ou da auto-sugestão deste último.

Das experiências de de Rochas, há, pelo menos uma verificação precisa a registrar: é a unanimidade dos sensitivos em afirmar a reencarnação. Todos, quaisquer que fossem a sua origem, a sua educação, o seu nível intelectual,

os seus princípios religiosos, declararam, espontaneamente, a sua passagem por outras existências. Construíram quase sempre, sobre esta probabilidade, romances de valores diversos, geralmente inverificáveis, mas o fato da unanimidade e da espontaneidade de suas afirmativas referentes à pluralidade das existências não é um fato que se despreze. Prova, pelo menos, a realidade de um instinto profundo, de uma intuição que repousa, sem dúvida, numa base séria.

Excetuentes as experiências sobre a regressão da memória, observações tendentes a provar a reencarnação foram recentemente publicadas. Conhecem-nas bem os leitores das revistas metapsíquicas e algumas delas são bem impressionantes, mas são ainda pouco numerosas para convencerem. Uma reserva mais forte ainda deve ser feita no que concerne aos fatos do "já visto", às impressões pessoais, às vagas reminiscências que muitos sensitivos pretendem ter conservado de existências anteriores...

Essas reminiscências têm certamente a sua importância para aqueles que as experimentam, mas o seu valor objetivo e demonstrativo é evidentemente nulo.

Na falta de uma demonstração direta, que será obra do futuro, a palingenesia tira o seu caráter de probabilidade de provas indiretas, provas essas solidamente estabelecidas. Pode-se resumi-las assim:

O estudo da psicologia integral e especialmente do metapsiquismo demonstra a presença, no ser, de princípios dinâmicos e psíquicos de ordem superior ao mesmo tempo subconscientes e exteriorizáveis. Esses princípios se mostram nitidamente como que independentes do funcionamento orgânico.

Eles formam uma síntese complexa cujos elementos constitutivos só provêm, em mínima parte, das aquisições da personalidade consciente e da existência atual. Os elementos constitutivos têm a sua origem, verossimilmente, numa dupla evolução:

Uma evolução terrestre, em existências sucessivas, evolução correlativa à evolução orgânica, desenvolvendo as faculdades ditas normais.

Uma evolução extraterrestre para as fases da desencarnação, desenvolvendo as faculdades supranormais, leitura do pensamento, clarividência, etc., essas últimas ficando geralmente latentes nas fases da encarnação. É a hipótese dita da consciência subliminal ou do ser subconsciente.

Não posso deixar de recordar aqui, mesmo sucintamente, as bases lógicas desta teoria, nem em refazer a sua demonstração. Contentar-me-ei enviando o leitor aos trabalhos originais, em dizer que esta concepção é lógica, decorre naturalmente de fatos não contraditórios, apresenta a seu favor uma série de provas muito importantes e impressionantes, basta para explicar todos os fenômenos obscuros da psicologia integral, enfim, que não foi ainda refutada.

O Professor Morselli, embora hostil à teoria, não teme declarar, nos *Annales des Sciences Psychiques*, de maio de 1947, o seguinte:

"Esta hipótese (do ser subconsciente) está edificada com uma grande habilidade dialética; é certamente a tentativa mais séria que conheço, que se tentou neste sentido."

Fica-se, desde então, autorizado a perguntar por que o ilustre psicólogo não ensaiou mesmo refutar, ponto por

ponto, esta tentativa tão "séria" de explicação. Sua refutação não consiste em afirmar, a priori, a origem orgânica das forças inconscientes e exteriorizáveis, quando os fatos, o raciocínio lógico e as induções racionais protestam contra essa asserção gratuita. Em suma, a ciência oficial, pelos órgãos dos seus representantes, se comporta ainda para com os fenômenos obscuros da psicologia anormal do mesmo modo que para com os fenômenos obscuros da psicologia normal. Atem-se a meias hipóteses, a meias suposições vagas, imprecisas e indemonstradas.

Morselli nos fala mais de "forças ainda ignoradas, de poderes ainda indeterminados do organismo humano, de faculdades ainda indefiníveis e incompreensíveis, etc."

Estas teorias nebulosas, outras ainda, puramente verbais, não poderiam ser opostas, a menos que por uma refutação prévia, em regra, à teorias límpidas, precisas, documentada e completa da consciência subliminal ou do ser subconsciente.

Ser-nos-á, pois, logicamente permitido concluir: Existe uma hipótese que, de acordo com todos os dados da ciência, contemporânea e na condição única de ser aceita integralmente, explica todos os fenômenos obscuros da psicologia normal, da psicologia anormal, da psicologia supranormal e mesmo da psicologia patológica. Esta mesma hipótese suprime, por acréscimo, todas as dificuldades de ordem moral e mesmo de ordem metafísica que se levantam ante a consciência e a inteligência desde a origem da humanidade.

Ela é, pois, seguramente fecunda e provavelmente verdadeira, ao menos em suas grandes linhas gerais, conforme o critério de Sir Alfred Russell Wallace. Não existe prova mais convincente da verdade de uma teoria

geral do que a possibilidade de fazer-se incluir nela fatos novos e de interpretar se, por seu intermédio, fenômenos considerados, antes, como anomalias inexplicáveis.

Que os psicólogos oficiais não admitam a teoria palingenésica, revolucionária apesar de sua luminosa simplicidade, que se mantenham sob reserva, isto se compreende, é natural, é humano, mas que, não obstante trabalhos conscienciosos que se fizeram a seu respeito, do feixe sólido de provas estabelecidas por esses trabalhos, a desdenhem, sistematicamente, e se recusem discuti-la, como hipótese de estudo, é verdadeiramente inadmissível. Isto, aliás, lhes será impossível segundo uma célebre fórmula: a verdade está em marcha e nada a poderá deter.

Uma última questão me resta a tratar. Perguntais aos vossos colaboradores qual a opinião deles sobre a importância social da doutrina palingenésica nas suas relações com o espírito religioso, no seu papel provável da evolução futura da humanidade. Antes de responder, parece-me indispensável uma breve exposição histórica. O conhecimento do seu papel no passado é necessário para compreender bem o que lhe reserva o futuro.

A história da doutrina se resume assim nas suas grandes linhas: a idéia reencarnacionista, de acordo com documentos que possuímos, é geral no início da evolução humana; é a doutrina natural da humanidade na sua infância, logo, porém, essa idéia se obscurece, se perde, não é mais conservada do que por uma pequena minoria. Mais tarde ela reaparece, chamada, sem dúvida, a se tornar predominante na humanidade altamente evoluída. A teoria dos "extremos" se verifica assim uma vez mais.

O ciclo evolutivo é muito fácil de se compreender:

A admissão da idéia reencarnacionista, mais ou menos precisa ou mais ou menos deformada por superstições diversas, pela humanidade na infância (e ainda em nossos dias pelos povos selvagens), é a conseqüência de um instinto correspondendo, na realidade, a reminiscências ainda não perturbadas por concepções teológicas ou filosóficas.

Sinto, obscuramente, que vivi sempre.

E que transmigrei em formas sem numero dizia o poeta Jean Lahor.

O que um poeta altamente evoluído pode pensar por intuição, os homens primitivos o pensavam por instinto.

Sua candura psicológica lhes permite sentir, sem trabalho, que eles viveram sempre e transmigraram em formas sem conta.

Mas a idéia reencarnacionista é, ao mesmo tempo, simples na sua moral e muito complexa na sua filosofia para a humanidade em via de desenvolvimento mental.

Com efeito, a sua filosofia integral está, há muito tempo, inacessível à massa e à perspectiva, mal considerada, de uma evolução sem fim, de esforços ilimitados, não satisfaz ao homem medíocre ou médio.

A sua moral, de outra parte, não lhe oferece senão um apoio precário, porque a simples noção da justiça imanente não serviria de freio suficiente a paixões desordenadas e poderosas.

O misticismo e as teorias sobrenaturais têm então mais atração. A concepção de um além misterioso, com as suas sanções de felicidade perfeita ou de sofrimentos eternos, tem mais influência, tanto que elas são consideradas como uma verdade indiscutível e indiscutida.

Por estas duas razões, filosófica e moral, é que os fundadores de religiões, os instrutores da humanidade, os profetas, se afastaram, rapidamente, por reflexão consciente ou por intuição subconsciente, da idéia palingenésica. Quando não a proscreveram, evitaram, pelo menos, ensiná-la à multidão e a substituíram pela concepção grosseira, porém mais chocante, da criação ex-nihilo, dos deuses ou de um deus todo poderoso, do juízo final, do paraíso e do inferno.

Não se deve ter medo de dizer: esses instrutores, nas suas épocas, não andavam erradas. A idéia reencarnacionista, repito-o, exige, para ser bem compreendida, para adquirir todo o seu valor prático, um desenvolvimento elevado da consciência e da inteligência.

Não existe aí, salientamos bem, uma simples sagacidade do espírito, mas um fato de experiência. Um exemplo muito simples fará com que o meu raciocínio seja compreendido.

Um reencarnacionista elevado não admitirá mais as divisões factícias da humanidade e não verá mais nelas senão manifestações, destinadas a desaparecer, de uma civilização rudimentar. Para ele, o mal será, antes de tudo, o resultado, como disse antes, da inferioridade evolutiva geral dos seres e dos mundos. Ele se esforçará então, por toda a parte que lhe seja possível, suprimir ou atenuar o mal.

O reencarnacionista primitivo, ao contrario, tirará, à sua vontade, de sua doutrina, uma conclusão diferente.

Ele julgará que, se tal homem ou tal grupo de homens sofrem, quer por uma condição política e social defeituosa, quer por uma prova qualquer, é unicamente em consequência de faltas cometidas numa ou noutras existências antigas. Não procurará então em fazer cessar essa situação dolorosa,

considerada por ele temo um castigo merecido, inevitável e útil.

Compreende-se, agora, por que os reencarnacionistas hindus mantêm, asperamente, o odioso regime das castas e se eternizam na ignorância e na miséria.

O exemplo da Índia é típico e serve para mostrar a inferioridade relativa da idéia palingenésica entre pessoas de um nível inferior ou médio. Vivem lá mais de trezentos milhões de indivíduos da mesma raça, submetidos às mesmas condições ambientes, mas de religiões diversas. Ora, segundo relatórios unânimes de antigos governadores ingleses, não é duvidoso (para não falar senão das duas religiões dominantes) que a massa dos hindus muçulmanas não seja bem superior à dos hindus bramanistas. A moral destes últimos não é senão uma caricatura desfigurada da verdadeira moral reencarnacionista e a sua filosofia está obscurecida e velada pelas práticas mais supersticiosas e tolas que se podem imaginar.

Este exemplo é típico e concludente.

As religiões reveladas têm então, com toda a evidência, desempenhado um papel indispensável na evolução: as suas concepções simplistas e crédulas eram necessárias na longa fase pré-científica desta evolução.

Não se deve, pois, ficar espantado com o obscurecimento progressivo da idéia palingenésica durante as primeiras grandes etapas da civilização humana. Admitida ainda, como doutrina secreta, pelas principais religiões da Antigüidade pagã, ela parece apagar-se com o advento do Catolicismo e do Islamismo.

Permaneceu, entretanto, como privilégio de um pequeno número de pessoas, mas privilégio absolutamente oculto. Os

pensadores isolados que quiseram, apesar de tudo, ensiná-la no Ocidente, foram ou bem incompreendidos ou bem martirizados, como Giordano Bruno.

A doutrina não foi mais, desde então, transmitida a não ser pela iniciação, mais ou menos deformada ou adulterada, encaixada em ensinamentos parasitas ou ocultos sob símbolos misteriosos: era a doutrina predominante das sociedades secretas.

Mas a evolução, seguindo o seu curso, as primeiras generalizações da filosofia científica e os progressos da consciência humana vieram, em nossos dias, abalar os dogmas e mostrar a inanidade deles.

O materialismo parecia dever triunfar. Então a idéia palingenésica reapareceu com toda a publicidade, sendo logo adotada por uma elite. No decurso do século XIX, antes mesmo de toda tentativa de uma demonstração positiva, numerosos pensadores eram reencarnacionistas. Muitos deles, por razões pessoais, evitavam anunciá-lo ao público, mas outros tiveram mais coragem. Fourier, Pierre Leroux, Esquiros. Godin, Pezzani, Charles Bonnet, Jean Reynaud, Schopenhauer, entre os filósofos; Henri Martin, Michelet, Georges Sand, Lamartine, Théophile Gautier, Balzac, Gérard de Nerval, Victor Hugo, Sardou, entre os escritores e outros ainda, cujos nomes me escapam no momento, acreditavam na reencarnação e não a ocultavam.

Desde o começo das investigações metapsíquicas, o número dos partidários da doutrina cresceu de uma maneira regular e contínua (deixo de citar nomes conhecidos de todos). Estamos, com efeito, na aurora da terceira fase evolutiva, a fase da filosofia científica.

A palingenesia, com o seu cortejo bem compreendido de conseqüências metafísicas, morais e sociais, repousará, no futuro, em bases sólidas e desde então inabaláveis.

Mas o que é preciso proclamar bem alto é que, sob a pena de um recuo cujas conseqüências para a humanidade seriam absolutamente nefastas, ela deve subtrair-se, sem reservas, à tirania de pretensos ensinamentos, baseados em supostas revelações ou em pretensas iniciações.

Ela triunfará tanto mais cedo do materialismo e do dogmatismo porque só requererá o método positivo e este é o único capaz de realizar a união indispensável, harmoniosa e fecunda entre a intuição de um lado, a observação, a experimentação e a razão de outro. Não é demais insistir, com efeito, na necessidade de não se separarem, na pesquisa da verdade, estes fatores essenciais de todo o progresso, assim no domínio moral como no domínio material.

A observação, a experimentação e as deduções racionais são geralmente de valor medíocre quando não guiadas por uma idéia intuitiva ou associada a ela. A maior parte das descobertas estiveram no entendimento do homem antes de serem realizadas. As grandes hipóteses sempre precederam as demonstrações e as verificações.

Isto é verdade, mas, de outra parte, a intuição sozinha é inteiramente impotente. Quando ela pretende passar sem o auxílio da razão e da experiência, está fatalmente condenada a permanecer vã, sem influência ou alcance, ou a mergulhar-se em contradições. Os abusos da intuição são mais graves e menos facilmente reparáveis do que os abusos da razão. Devem-se-lhes a diversidade e, por acréscimo, a inanidade dos sistemas filosóficos edificados a priori, a diversidade e a inanidade das doutrinas ocultistas.

O método intuitivo, sistematicamente isolado, conduz pura e simplesmente ao misticismo, ou melhor, a despeito de paradoxos brilhantes e ruidosos, não se distingue dele.

Ora, certas escolas reencarnacionistas, preciso é dizê-lo, estão ainda lamentavelmente impregnadas desse misticismo, imbuídas das velhas tradições de grimórios de magia ou de espírito atávico do método teológico.

Elas têm ainda as suas doutrinas secretas, os seus dogmas, os seus pontífices e os seus iniciados. Têm mesmo, no Além, os seus "senhores do Carma", os seus "semideuses:" e os seus anjos mais ou menos laicizados!

Uma dessas escolas, pela boca de sua grande profetiza, chegou a anunciar, solenemente, ao mundo, a vinda de um novo messias!

Desta vez excedeu-se a medida permitida e nosso direito e nosso dever é de gritar: Alto lá!

Em risco de contristar a crentes eminentemente respeitáveis dessas neo-religiões e fazendo abstrações de amizades e de simpatias pessoais, tenhamos a coragem de lhes dizer: Nada de equívocos, nem de comprometimentos. Não há conciliação possível entre o vosso método e o nosso. As extravagâncias, de que sois culpados, só poderão retardar, se a propaganda insensata dos vossos "mestres" tiver algum sucesso, o futuro da filosofia palingenésica, que nos é igualmente cara.

A era das revelações, a era das profecias, terminou para sempre. Não há lugar, na consciência moderna, para um misticismo fora de moda, tornado agora exclusivamente prejudicial.

A obra definitiva de emancipação intelectual e moral não poderá mais depender senão de pesquisas, estrita e

exclusivamente científicas, sobre a verdadeira natureza do ser e o seu destino.

A filosofia do futuro será clara, simples e magnífica, a filosofia da ciência.

Gustave Geley

FIM